As duas almas

Santo Agostinho

Santo Agostinho

As
Duas Almas

Tradução: Souza Campos, E. L. de

TEODORO EDITOR

Niterói – Rio de Janeiro – Brasil

2018

As duas almas

Santo Agostinho

Os maniqueístas sustentavam que cada pessoa possui duas almas; uma boa, tirada da substância divina e outra má, saída do seio das trevas. Santo Agostinho deplora a cegueira profunda que o fez abraçar este erro, quando lhe teria sido fácil perceber sua tolice e extravagância. Só possuímos uma alma e ela vem de Deus. Para demonstrar esta verdade, o santo doutor invoca sucessivamente a natureza da alma, as Escrituras santas e o caráter próprio do pecado.

Introdução[1]

1

Após a obra **A utilidade de acreditar** e sendo ainda sacerdote, escrevi contra os maniqueístas um texto sobre as duas almas, das quais eles afirmam que uma é uma parte de Deus, enquanto que a outra é do povo das trevas, que Deus não criou e que lhe é coeterno.

Eles chegam até mesmo à loucura de dizer que o ser humano tem essas duas almas, sendo uma boa e a outra má. A má é própria da carne, que eles mesmos avaliam ser do povo das trevas. A boa surgiu de uma parte emanada de Deus; uma parte que teria lutado com o povo das trevas e que teria produzido a mistura de uma e de outra.

---

[1] Das *Revisões*. Livro I, cap. XV.

Eles atribuem todos os bens humanos a essa alma boa e todos os males à má.

Quando, neste livro, eu digo: *toda vida, qualquer que seja ela, pelo simples fato de ser vida, decorre, necessariamente, da fonte universal e do princípio único da vida*[2], eu digo isto no sentido de que a criatura pertence ao Criador e não que ela é uma parte dele mesmo.

2

Da mesma forma, eu disse que: *só há pecado na vontade*[3].

Os pelagianos podem se utilizar disto, com relação ao tema das crianças que, segundo eles, não teriam pecados a serem remidos pelo batismo, por que elas não possuem o domínio sobre seu livre arbítrio.

Mas, o pecado que elas contraíram originalmente, ou seja, na implicação nessa falta e, por consequência, na sujeição à mesma pena, poderia estar em outro lugar que não seja a vontade, vontade que existia no momento da transgressão do preceito divino?

Poder-se-ia também considerar falsa a afirmação *só há pecado na vontade*, ao compará-la com as palavras do Apóstolo: *Se faço o que não quero, já não sou eu que faço, mas sim o pecado que em mim habita*[4].

---

[2] Cap. 01.
[3] Cap. 12.
[4] Romanos 7: 20.

De fato, esse pecado está tão pouco na vontade que o Apóstolo diz: *não faço o bem que quero; mas, o mal que odeio, isso eu faço*[5].

Como então dizer que o pecado pode estar em outro lugar que não seja na vontade? O pecado mencionado pelo Apóstolo é chamado de pecado por que ele é a consequência do pecado e da punição pelo pecado.

De fato, trata-se aqui da concupiscência da carne, como ele mostra na sequência, quando diz: *Eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita o bem, por que o querer o bem está em mim, mas não sou capaz de efetuá-lo*[6].

A perfeição do bem é, de fato, que a própria concupiscência não esteja no ser humano. Eu falo da concupiscência com a qual, quando se visa o bem, a vontade não acompanha. Mas, o ser humano não realiza o bem por que há nele uma concupiscência que repugna a vontade.

O batismo retira a culpabilidade dessa concupiscência, mas a enfermidade permanece e todo fiel que avança no bem, luta contra essa enfermidade com o maior cuidado, até que ela seja curada.

Quanto ao pecado que jamais está em outro lugar que não seja na vontade, é particularmente aquele que foi seguido de uma justa condenação. É aquele que entrou no mundo através de um só ho-

[5] Romanos 7: 16.
[6] Romanos 7: 18.

mem. Todavia, o pecado pelo qual se consente com a concupiscência do pecado jamais é cometido sem a vontade.

Foi por isso que eu disse: *só há pecado na vontade*.

3

Em outro lugar, eu defini a vontade nestes termos: *a vontade é um impulso da alma que, sem ser coagida por nada, nos leva a conservar ou a adquirir alguma coisa*[7].

Esta definição foi adotada para separar quem quer de quem não quer e assim o pensamento se reporta àqueles que, no Paraíso, foram a primeira fonte do mal para o gênero humano e que pecaram sem que ninguém os forçasse a isso, mas com sua livre vontade, agindo contra o preceito que conheciam, com o tentador levando-os a isso, mas não os forçando.

Aquele que, de fato, peca sem saber, pode ser considerado como pecando sem querer, embora tenha feito de bom grado o que fez por ignorância.

Mas, mesmo neste, não houve pecado sem vontade. Essa vontade, como foi definida, foi nele um impulso da alma isento de qualquer coação e que se voltou para a aquisição de uma coisa ou para sua manutenção. Isto ele não teria feito se não tivesse desejado. Ele não foi forçado a fazê-lo. Ele então o fez por que quis, mas não pecou por que quis, já que não sabia que o que fez era pecado.

[7] Cap. 14.

Desta forma, um pecado assim não é sem vontade, mas só houve a vontade no fazer e não no pecar, embora o fato fosse pecado, pois foi feito o que não devia ser feito.

Quem peca conscientemente, se pode resistir sem pecar àquele que o força a pecar mas não resiste, peca voluntariamente, pois, quem pode resistir não é forçado a ceder.

Mas, aquele que não pode resistir com uma vontade firme à coação da cupidez, age assim contra os preceitos da justiça e isto é um pecado que também é uma pena pelo pecado. Por isso é da mais profunda verdade que não há pecado sem a vontade.

4

Da mesma forma, a definição que dei do pecado: *o pecado é, propriamente falando, a vontade de conservar ou obter o que a justiça nos proíbe e que somos livres para nos abster*[8] é verdadeira, por que ela só se aplica ao pecado e não ao que é também a pena pelo pecado.

De fato, quando o pecado é de uma natureza tal que é também uma pena pelo pecado, o que pode a vontade sob a pressão dominante da cupidez, se não é, quando ela é pia, rezar e implorar por ajuda? Ela é livre somente na medida em que foi libertada e é nisso somente que ela é chamada de vontade. Não fosse assim, seria preciso chamá-la mais de cupidez e não de vontade. Essa cupidez não é, como di-

[8] Cap. 15.

zem falsamente os maniqueístas, uma adição de uma natureza estranha, mas é um vício de nossa natureza que só pode ser curada com a graça do Salvador.

Que se queira dizer que a própria cupidez não é outra coisa além da vontade, mas pervertida e sujeita ao pecado, não há nada a contrapor a isto. Contanto que não seja uma constante, não há que se discutir sobre palavras.

Assim, está demonstrado também que, sem a vontade, não há pecado, nem original e nem atual.

5

Em seguida eu disse: *Posso perguntar se essas almas más, antes de sua mistura com as boas, desfrutavam de alguma vontade. Se elas não desfrutavam dela, elas eram sem pecado e inocentes. Então, como elas podiam ser más?*[9]

Por que então me questionam, você fala de pecado nas crianças nas quais você não vê a vontade como culposa? Eu respondo: as crianças são culpadas não por sua vontade própria, mas por sua origem. Toda pessoa viva neste mundo, de onde teve sua origem, se não foi de Adão? Adão tinha, certamente, sua vontade e, quando ele pecou com essa vontade, o pecado entrou através dele no mundo.

[9] Cap. 16.

6

Da mesma forma, estas palavras: *Por natureza, nenhuma alma pode ser má*[10]. Se me questionam como as concilio com estas do Apóstolo: *Éramos como os outros, por natureza, verdadeiros filhos da ira divina*[11], respondo que, ao me servir da palavra natureza, quis tomá-la em sua acepção própria, a saber, a natureza na qual fomos criados e que é sem defeito.

A outra acepção da natureza é tomada com vistas à nossa origem; uma origem maculada e que é contra a natureza.

Desta forma também, com relação à frase: *Considerar alguém como culpado de pecado por que não fez o que não pôde fazer é o cúmulo da iniquidade e do delírio*. Pois bem! Questionam-me: por que considerar as crianças como culpadas? Por que elas têm sua origem naquele que não fez o que podia fazer, ou seja, respeitar o preceito divino.

Aliás, o que eu disse: *Se então, em tudo o que elas realizam, essas almas obedecem à sua natureza e não à sua vontade, ou seja, se elas não são livres para agir ou não agir, não podemos considerá-las como culpadas*, não é em nada afetado pela questão das crianças, pois elas são tidas como culpadas por causa de sua origem naquele que pecou voluntariamente, já que ele tinha o livre impulso para fazer ou não fazer e possuía o grande poder de se abster do mal. Isto os

[10] Cap. 17.
[11] Efésios 2: 3. *Eramus natura filii iræ, sicut et ceteri*.

maniqueístas não dizem sobre esse povo das trevas que eles fabulosamente inventaram e ao qual eles atribuem uma natureza que foi sempre má e jamais boa.

7

Podem me perguntar por que eu disse: *Supondo __ o que é incerto __ que haja almas dedicadas, não por causa do pecado, mas por sua natureza, a funções totalmente corpóreas e que, apesar de sua inferioridade, desfrutam conosco de uma semelhança interior, não poderíamos considerá-las como más somente pelo fato de que nós, ao imitá-las e ao amar as coisas corpóreas, nos tornamos maus*[12].

Podem questionar, repito, por que eu disse isto sobre essas almas, já que antes eu havia dito: *Daí vem, para nós, a dificuldade que encontramos no bem e sobre a qual a tolice de alguns autores quer se apoiar para afirmar que, dentre as almas, há uma espécie delas que não tem Deus como seu criador. Esses autores concordam de bom grado que somos atraídos para o mal por outra espécie de almas, mas eles não chegam a afirmar que estas são más por natureza e que as outras sejam o soberano bem*.

Eu conduzi meu exame e estudo deste ponto até à passagem: *Supondo que houvesse almas, o que é incerto, etc*.

[12] Cap. 20.

Pode-se questionar por que eu disse: *O que é incerto*, quando não deveria ter colocado em dúvida que não há tais almas.

Mas o motivo pelo qual eu me expressei assim foi que encontrei pessoas que afirmavam que o demônio e seus anjos são bons em seu gênero e na natureza que Deus os criou, tais como eles são e por um desígnio particular; que o mal é para nos encantar e seduzir por eles; o bem e a glória são para nos desafiar e vencê-los.

Aqueles que falam desta maneira pretendem provar sua afirmação através de testemunhos tirados das Escrituras. Desta forma, no Livro de Jó, quando o demônio é definido, é dito: *É obra-prima de Deus, foi criado como o soberano de seus companheiros*[13]. No Salmo, é dito: *O Leviatã que criastes para brincar nas ondas*[14].

Esta questão, que não visava os maniqueístas, já que não possuem esta opinião, visava aqueles que compartilham desta maneira de ver. Eu não quis tratá-la naquele momento por que teria aumentado meu livro mais do que eu desejava.

Vejo, aliás, que, mesmo concordando com este ponto, os maniqueístas poderiam e deveriam estar convencidos de introduzir um erro insensato; a saber: a natureza do mal coeterno com o bem eterno.

Assim, eu disse: *O que é incerto*, não por que eu mesmo duvidasse, mas por que a questão não havia ainda sido resolvida por mim

[13] Jó 40: 14.
[14] Salmo 104: 26.

e os debatedores que eu visava. Eu resolvi esta questão muito tempo depois em meus livros sobre o Gênesis considerado literalmente, de acordo com as Santas Escrituras e com o máximo de clareza que eu pude.

8

Pouco depois, eu disse: *Se pecamos ao amar as coisas corpóreas, é por que isto nos foi interditado e por que naturalmente temos o poder de amar as coisas espirituais*[15].

Podem me questionar por que eu disse *temos naturalmente* e não *a graça nos dá o poder*. Mas o debate então sobre a natureza era contra os maniqueístas.

O que faz a graça é curar a natureza, para que ela, curada, possa fazer o que não pode quando é viciada e fazer através Daquele que veio buscar e salvar o que perecia.

Com relação a essa graça, mesmo então eu implorei pelos meus mais ternos amigos que ainda estavam dedicados a esse erro mortal e implorei: *Deus infinitamente grande, onipotente, bondade infinita, verdade suprema e imutável, Trindade Una, que a Igreja católica proclama e adora prostrada aos seus pés, eu lhe suplico __ eu que experimentei os efeitos de sua misericórdia infinita __ não permita*

[15] Cap. 20.

que pessoas com as quais fui, deste a infância, estreitamente unido, permaneçam separadas de mim e do culto que presto ao senhor![16].

Ao rezar assim, eu mantive a fé não apenas que Deus, exclusivamente por sua graça, ajude os convertidos, para que eles se aperfeiçoem e progridam, o que quer dizer que essa graça é concedida para o mérito de sua conversão, mas também que é à graça de Deus que cabe operar a própria conversão. Pois eu rezei por aqueles que estavam muito afastados de Deus e eu pedi que eles voltassem para ele.

Este livro começa assim: *A infinita misericórdia de Deus condescendeu romper os laços que me prendiam à seita maniqueísta e me colocar novamente no seio da Igreja Católica*.

Capítulo 01

A infinita misericórdia de Deus condescendeu romper os laços que me prendiam à seita maniqueísta e me colocar novamente no seio da Igreja Católica.

Livre, posso agora medir a profundidade do abismo em que estava e deplorar meu antigo infortúnio.

Se eu tivesse utilizado todos os recursos que eu tinha à minha disposição, eu não teria deixado secar tão facilmente e em tão poucos dias, todos os germes da religião verdadeira que haviam sido deposi-

[16] Cap. 24.

tados em mim desde a infância. Eu os teria protegido contra o erro e as mentiras dessas pessoas falsas e enganadoras que queriam arrancá-los de minha alma.

Eles me ofereceram inicialmente a teoria das duas espécies de almas, diferentes por sua natureza e suas propriedades. Uma delas saída da própria substância de Deus e a outra, não pertencente a Deus de nenhuma forma e nem mesmo pela criação.

Basta, para que rejeite estes sofismas, que eu me lembre de que toda vida, qualquer que seja ela, pelo simples fato de ser vida, decorre, necessariamente, da fonte universal e do princípio único da vida[17]. E essa fonte, esse princípio, qual pode ser ele, se não é Deus?

Quanto às almas que os maniqueístas chamam de más, ou elas não têm vida e então não são almas e, portanto, não são capazes de querer ou de não querer, de amar ou de odiar, ou então elas vivem e têm o poder de serem almas e desempenhar suas funções e é o que eles pretendem. Mas, do que elas vivem, se não é da vida verdadeira?

Escutemos Jesus Cristo nos declarar formalmente: *"Eu sou o caminho, a verdade e a vida"*[18]. Por que então não admitir que todas essas almas, que só são almas por que vivem, foram criadas por Jesus Cristo, ou seja, pela própria vida?

---

[17] Digo isto no sentido de que a criatura pertence ao Criador e não que ela é uma parte dele. *Revisões*. Cap. XV, seção 1.
[18] João 14: 6.

Capítulo 02

Talvez naquela época de meus infortúnios, meu pensamento não pôde enxergar essa questão da vida e da participação na vida. Questão, no entanto, da mais alta importância e que merece ser, por parte dos doutores, objeto de uma discussão séria.

Pelo menos eu não pude recuar diante do axioma que se impõe sozinho a qualquer pessoa, por pouco que ela reflita. A saber, que tudo o que sabemos ou é objeto de todos os nossos conhecimentos, é percebido ou pelos sentidos corpóreos ou pelo intelecto.

Cinco sentidos são vulgarmente assinalados no corpo: a visão, a audição, o olfato, o gosto e o tato. Se eu afirmar que todos estes sentidos são muito inferiores ao intelecto, quem ousará negar isto, por mais cego que esteja pela impiedade mais ingrata e mais grosseira?

Deste princípio incontestável, eu concluo que as percepções da visão, da audição e de qualquer outro sentido corpóreo são, na mesma medida, inferiores à percepção que se faz pelo intelecto, levando esse intelecto vantagem sobre os sentidos.

Ora, qualquer vida e, por isso mesmo, qualquer alma é percebida unicamente pelo intelecto e, de forma alguma, pelos sentidos corpóreos, enquanto que o sol, a lua e, em geral, toda luz é percebida pelos olhos mortais.

Mas, no entanto, os maniqueístas atribuem ao Deus verdadeiro e bom, a criação da luz e lhe recusam a criação da vida, seja ela qual for, ou seja, o que não apenas só pode ser percebido pelo espírito, mas também pelo que há de mais sublime na alma, que é o entendimento do intelecto.

Se, após ter invocado Deus, eu me pergunto o que é a vida, essa coisa que escapa a todos os sentidos do corpo e que é absolutamente incorpórea, o que eu poderia me responder? Os próprios maniqueístas não admitem que essas almas, às quais eles têm horror, não somente vivem, como também possuem uma vida imortal?

Estas palavras de Jesus Cristo: *"Deixa que os mortos enterrem seus mortos"*[19] não se aplicam àqueles que são desprovidos de toda vida, mas unicamente aos pecadores, pois o pecado é a única morte de uma alma imortal, segundo estas palavras de São Paulo: *Aquela, pelo contrário, que vive nos prazeres, embora viva, está morta*[20]. Ele disse ao mesmo tempo: viva e morta.

Não tenho que examinar o quanto é vergonhoso a vida de uma alma pecadora; basta-me saber que ela está viva.

Se então é somente pelo intelecto que posso perceber uma alma, como não atribuir à alma, sob a luz que percebemos com os olhos, toda superioridade que separa o intelecto dos próprios olhos?

---

[19] Mateus 8: 22.
[20] 1 Timóteo 5: 6.

Já que os maniqueístas fazem remontar até o Pai de Jesus Cristo o princípio da luz, como então eu não reconheceria que a alma também foi criada por Deus?

Se, apesar da própria ignorância e cegueira em que eu estava na época que mencionei, eu tivesse desejado refletir seriamente e estudar a forma e o que é formado, a espécie e seu objeto, eu teria compreendido que o próprio corpo não pode ter outro princípio além do Deus único.

Capítulo 03

Mas, eu não tenho que falar do corpo. É da alma que se trata; do movimento espontâneo e vivo, do ato, da vida, da imortalidade.

Como não me envergonhar ao pensar que houve um tempo em que eu recusei a Deus a criação de uma substância que resume nela tão preciosas qualidades!? Essas qualidades tão numerosas só receberam de mim um exame desatento e negligente. É daí que vem meus gemidos e minhas lágrimas.

Agora ruminarei esses pensamentos e essas palavras e os comunicarei aos outros. Eu perguntarei qual é esse poder intelectual que, no ser humano, nada poderia ser comparado.

Esses homens __ se, todavia, são homens __ estão convencidos da verdade dessas palavras? Eu lhes perguntarei logo se é pelos olhos, órgãos da visão, que eles compreendem. Eles negarão e então

concluirei que o entendimento ultrapassa infinitamente o órgão da visão e acrescentarei que o objeto que, para ser percebido, exige um órgão muito superior, deve ser, ele mesmo, muito superior. Daí perguntarei se essa alma, que eles dizem ser má, é percebida pelos olhos ou somente pelo intelecto. Pelo intelecto, eles responderiam.

Estas premissas me bastariam e eu estarei plenamente autorizado a concluir que essa alma que eles execram é muito superior à luz que eles veneram, já que esta cai no domínio dos sentidos, enquanto que a outra, só no do entendimento.

Mas, talvez eles parem por aqui e se recusem a seguir a direção do bom senso, por causa do poder irresistível das opiniões antigas e do erro há muito tempo aceito e defendido!

Mas atacarei impiedosamente essas hesitações e insistirei. Sem amargura, mas, todavia, sem descanso e sem nenhuma intenção de ferir.

Recordarei todos os pontos de concordância e mostrarei com o que ainda é preciso concordar.

Eu os convidarei a entrar em acordo entre eles e a preparar em comum as respostas que eles terão que nos opor.

Aceitam que o entendimento é superior aos nossos órgãos físicos ou negam que o que é percebido pela melhor parte da alma é superior ao que só é percebido por um dos sentidos vis do corpo?

Eles se recusariam a admitir que as almas às quais eles têm tanto horror só podem ser conhecidas pelo intelecto, ou seja, pelo que há de melhor na alma, enquanto que a lua e o sol, diferentemente, poderiam ser percebidos somente pelos olhos?

Se eles não puderem deixar de proclamar o absurdo e a tolice dessas negativas, eu lhes terei provado, com isso mesmo, que eles devem concluir indubitavelmente que a luz pela qual eles só possuem veneração é muito inferior à alma, cuja baixeza eles proclamam e que só lhes inspira afastamento e horror.

Capítulo 04

Mas, talvez perturbados pelo vigor destas conclusões, eles me perguntem se a alma de uma mosca me parece superior à luz.

Minha resposta seria seguramente afirmativa e, sem me deixar assustar pela pequenez desse inseto, me bastaria saber que ele é um ser vivo.

Eu, por minha vez, pergunto o que dá o vigor a membros tão pequenos, o que dirige um corpo tão pequeno segundo sua vontade natural, o que imprime o movimento e a cadência a seus pés, o que modera e faz vibrar suas asinhas durante o voo. Qualquer que seja esse princípio, quem o estudar atentamente verá, nesse serzinho, brilhar alguma coisa de tão grandioso, que ele deixa a uma distância infinita a luz mais viva que possa atingir os olhos.

Se qualquer coisa __ ninguém duvida disso __ só pode ser percebida pelo intelecto e, nesta condição, ele leva em muito vantagem sobre tudo o que é sensível e até mesmo sobre a luz, assim o querem as leis divinas.

De fato, o primeiro fundamento de todo conhecimento não repousa sobre o princípio de que estabelecemos uma diferença essencial entre perceber pelo intelecto e sentir pelo corpo e que a primeira destas operações leva vantagem infinitamente sobre a segunda? Como então não preferir as coisas inteligíveis às coisas sensíveis, quando o próprio intelecto é tão superior aos sentidos?

Capítulo 05

Por mais extraordinária que seja, eis uma consequência que se impõe a nós com toda a força da evidência. A injustiça, a intemperança e todos os outros vícios do coração nos são conhecidos não pelos sentidos, mas pelo intelecto.

Esses vícios, nós os reprovamos, nós os condenamos e, no entanto, assim que são percebidos pelo intelecto, nós dizemos que eles levam vantagem sobre a luz, que, em seu gênero, merece todos os elogios.

Tenhamos nossa mente sob uma perfeita dependência com relação a Deus e compreenderemos que nem tudo o que louvamos devemos preferir ao que desprezamos. Por que eu louvo o chumbo por

causa de sua extrema pureza, isto não quer dizer que eu o estime mais do que o ouro que precisa ser purificado.

Cada coisa, de fato, deve ser vista em seu gênero particular. Eu censuro um jurisconsulto para quem um grande número de leis são letra morta e, no entanto, eu ainda o considero tão superior ao mais hábil sapateiro, que eu coraria ao comparar um ao outro. Mas eu louvo este último por causa da aptidão que ele emprega em sua arte e censuro o outro por se mostrar inferior em sua profissão.

Da mesma forma, eu digo que se deve louvar a luz, por que ela é perfeita no que ela é. Mas, por que ela é da categoria das coisas sensíveis, que cedem lugar em muito às coisas inteligíveis, eu digo que ela é inferior mesmo às almas injustas e intemperantes, por que essas almas são substâncias espirituais. No entanto, eu seria justo ao julgá-las dignas de condenação. Desta forma, eu não procuro o que as torna superior à luz, mas o que elas deveriam ser para se tornarem dignas de Deus.

Em resumo: se você pretende que essa luz vem de Deus, eu estou de acordo com você, mas eu sustento, ao mesmo tempo, que estamos também autorizados a dizer que as almas, mesmo viciosas, não tanto em sua condição de viciosas, mas enquanto almas, tiveram que ser necessariamente criadas por Deus.

Capítulo 06

Um interlocutor hábil, mas mais curioso do que profundo, me interrompe aqui e me pede que fale não das almas viciosas, mas dos próprios vícios.

Esses vícios, de fato, não sendo percebidos pelos sentidos do corpo, eles o são, necessariamente pelo intelecto. Por outro lado, as coisas inteligíveis são superiores às coisas sensíveis. Por que então, quando ambos concordamos em considerar Deus como o criador único da luz, trataríamos como sacrílego aquele que afirmasse que Deus é o criador dos vícios?

A esse questionador eu daria a resposta que Deus inspira comumente de imediato àqueles que o servem, sem que eles estejam preparados para isso, ou eu prepararia minha resposta.

Se eu não tivesse merecido a luz divina e nem pudesse preparar minha resposta, eu escaparia dizendo que a tarefa é rude e difícil. Eu me voltaria para mim mesmo, me prostraria diante de Deus, eu suspiraria profundamente e lhe pediria com ardor a graça de não permitir que me faltem razões sólidas para terminar minha demonstração iniciada ou que eu me veja reduzido à necessidade de dar às coisas sensíveis a preferência sobre as coisas inteligíveis ou de dizer que ele próprio é o autor dos vícios; uma cruel alternativa igualmente impregnada de horror e impiedade.

Eu jamais poderia acreditar que Deus me abandonaria nesse estado. Ao contrário, iluminando minha mente com um desses modos inefáveis que lhe são próprios, ele me diria para pensar e pensar novamente, para ver se é mesmo verdade que esses vícios, no seio dos quais eu me atormento, devem ser assimilados às coisas inteligíveis.

Com esse objetivo, impressionado, aliás, com a fraqueza do meu olho interior, fraqueza que é somente o justo castigo por meus pecados, eu tentaria, por meio das próprias coisas visíveis, dar um passo rumo ao conhecimento das coisas invisíveis.

Essa maneira de agir não nos dá, de forma alguma, um conhecimento mais certeiro, mas ela é mais bem fundamentada na experiência.

Eu procuraria então, primeiramente saber qual é o objeto do sentido da visão; se são as cores. De fato, elas não podem ser percebidas por nenhum outro sentido, já que são objeto próprio da visão ou da luz.

Os movimentos dos corpos, a grandeza, os intervalos, as figuras, tudo isso, é verdade, cai sob o sentido da visão, mas não de uma maneira exclusiva, já que o tato também age nesse sentido.

Daí eu concluiria que a luz prevalece sobre as coisas corpóreas e sensíveis, como a própria visão prevalece sobre os outros sentidos. Eu me deteria então unicamente sobre a luz e estabeleceria então o primeiro degrau de minha inquisição.

Depois, continuando minha caminhada, eu apresentaria a mim mesmo o seguinte raciocínio: se o sol, que brilha de uma forma tão intensa e que basta para a claridade do dia, empalidecesse sensivelmente aos nosso olhos até o ponto de se tornar semelhante à luz, a impressão sentida em nós não seria a impressão produzida pela luz que brilha em toda parte? Buscando então a luz, o que veríamos ainda não é o que não existe mais, mas o pouco que restasse do que era antes.

Não seria então o que falta ou a falta de luz que viria atingir nossos olhos, mas a luz que tivesse restado após o desparecimento do que havia.

Ora, já que não veríamos essa falta de luz, nós não a sentiríamos mais, pois o que não vem atingir nosso sentido da visão não pode ser visto.

Assim, se essa falta não pode ser percebida pela visão e nem por nenhum outro sentido, eu tenho o direito de concluir que ela não é uma coisa sensível. Uma coisa que não pode ser sentida pode ser sensível?

Apliquemos então estas considerações à virtude, pois é com razão que dizemos que ela ilumina a mente de uma maneira inteligível. Ora, se essa luz da virtude vier a faltar, essa falta é o que chamamos de vício. Ele não mata a alma, mas a obscurece.

Se então nós banimos a falta de luz natural da categoria das coisas sensíveis, nós podemos igualmente excluir do que é inteligível o vício da alma. No entanto, o que resta na alma, ou seja, o que faz com que ela viva e que seja alma, é tão inteligível quanto era sensível o que nessa luz sensível continuou a brilhar após seu desaparecimento.

Disto concluo que a alma, na medida em que é alma e participa da vida, condição essencial de sua existência, é muito superior a todas as coisas sensíveis.

Não é então se condenar ao erro mais profundo, sustentar que, entre as almas, há aquelas que não foram criadas por Deus, quando, ao mesmo tempo, se celebra a criação divina da lua e do sol?

Capítulo 07

Se fôssemos enumerar todas as coisas sensíveis, deveríamos falar, não somente do que sentimos, mas até mesmo do que nós podemos avaliar através do corpo, embora nossos sentidos não sejam afetados por ele.

Assim, nós avaliamos as trevas com nossos olhos e o silêncio com nossos ouvidos. Nós percebemos as trevas sem vê-las e o silêncio sem ouvi-lo.

Da mesma forma, as coisas inteligíveis não são somente aquelas que percebemos com a luz da compreensão __ como a própria

sabedoria __ mas também aquelas que nos inspiram horror pela privação do brilho exterior; como a loucura, que chamamos com razão de as trevas da alma.

Quanto a discutir sobre palavras, eu evitarei, mas seria fácil dividir a questão em um grande número de subdivisões que provariam a qualquer mente atenta que, segundo as leis infalíveis da verdade, as substâncias inteligíveis devem ser preferidas às substâncias sensíveis, mas não se pode dizer o mesmo das ausências dessas substâncias, embora, nessas ausências, nós chamamos umas de inteligíveis e outras de sensíveis.

Se quisermos comparar as substâncias, as luzes sensíveis e as almas inteligíveis, sem nenhuma dúvida seremos forçados a reconhecer a superioridade das almas sobre todas as outras substâncias, enquanto que, dentre as ausências de todo gênero, não haverá nenhuma preferência a estabelecer, já que essas ausências só designam a privação e não o ser e elas não possuem nenhum valor intrínseco a não ser o de ser uma negação.

Examinemos estas duas negativas: não há ouro, não há virtude. Sem dúvida de que há uma grande diferença entre o ouro e a virtude, mas, entre estas duas negativas, que diferença poderia haver? É certo que __ e ninguém duvida disto __ é muito mais vergonhoso não possuir virtude do que não possuir ouro, mas essa vergonha vem da própria negação ou da coisa que falta? Quanto mais a virtude prevalece

sobre o ouro, mas a vergonha de não ter virtude prevalece sobre a de ser pobre.

Assim, como as coisas inteligíveis prevalecem sobre as coisas sensíveis, devemos tolerar muito mais dificilmente a ausência das coisas inteligíveis do que a das coisas sensíveis. Não por causa das próprias ausências, mas por causa dos objetos que faltam.

Segue-se daí que a ausência de vida, que é uma coisa inteligível, é muito mais deplorável do que a ausência de luz sensível, pela razão de que a vida que percebemos pelo intelecto é muito superior à luz, já que esta só é percebida pelos sentidos.

Capítulo 08

Agora então, ouse, se puder, atribuir a Deus a criação do sol, da luz e de tudo o que brilha com uma luz visível nos astros e no fogo terrestre e, ao mesmo tempo, negar que Deus seja o criador de todas as almas, que só são o que são por causa da vida que as anima e prevalece em muito sobre a luz.

Está na verdade aquele que diz: “enquanto brilha, este objeto é de Deus”. E eu, grande Deus, estaria no erro, se eu clamasse: “enquanto vive, essa alma é de Deus”?

Por favor, não exagere a cegueira mental e os tormentos da compreensão até o ponto de sustentar que as pessoas não podem compreender estas rudimentares noções do bom senso!

Mas, quaisquer que sejam seu erro e sua obstinação, armado com minhas razões invencíveis, posso, sem hesitar, estudar com eles este tema, examinar todas as suas facetas e discuti-lo com calma, sem temer de forma alguma que algum deles hesite um só instante em reconhecer a superioridade do entendimento ou do que é percebido pelo intelecto sobre os sentidos ou sobre todos os objetos que só são conhecidos pelos sentidos.

Isto posto, quem teria então a ousadia de sustentar que as almas, por mais viciosas que sejam, enquanto almas que são, não devem ser incluídas na classe das coisas inteligíveis e que é por suas ausências que as percebemos?

De fato, o que constitui a essência da alma é a vida. De fato, é pelo que falta nelas que as conhecemos como viciosas, pois é por que lhes falta a virtude que elas são viciosas. Mas não é pelo que falta nelas que percebemos que elas são almas; elas o são pela vida que as anima.

Não se pode dizer também que a presença da vida nelas seja a causa de sua deficiência, pois a deficiência em um objeto é sempre em proporção com o desaparecimento da vida.

Capítulo 09

Em face desta evidência que nos prova que, bem menos ainda que a luz, as almas não podem ser separadas de seu autor, eu rejeita-

rei, sem nenhuma restrição, todas as objeções que sejam feitas e conjurei meus adversários a imitar mais aqueles que comigo proclamam que Deus é, necessariamente, o autor único de tudo o que existe, por que existe e na medida em que existe.

Talvez apresentem contra mim estas palavras do Evangelho: *"Quem é de Deus ouve as palavras de Deus e se vós não as ouvis é por que não sois de Deus. Vós tendes como pai o demônio e quereis fazer os desejos de vosso pai"*[21].

E eu contraporei estas palavras: *Tudo foi feito por ele e sem ele nada foi feito*[22].

E estas outras, de São Paulo: *Há um só Deus, o Pai, do qual procedem todas as coisas e para o qual existimos e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem todas as coisas existem e nós também*[23].

Ou ainda, estas: *Dele, por ele e para ele são todas as coisas. A ele a glória por toda a eternidade!*[24]

Depois, eu aconselharia meus adversários, se eu os encontrasse, que evitassem qualquer julgamento baseado nestas palavras e que se dirigissem a doutores, pedindo-lhes que nos mostrassem a concordância que existe entre estes textos que nos parecem ser contraditó-

[21] João 47 e 44.
[22] João 1: 3.
[23] 1 Coríntios 8: 6.
[24] Romanos 11: 36.

rios. De fato, é na mesma Escritura que lemos: *"Tudo, por outro lado, vem de Deus"*[25] e, em outro lugar, *"Não sois de Deus"*.

Condenar os livros santos seria um crime e uma imprudência. Não seria mais sábio se dirigir a um doutor hábil que nos desse a solução dessa dificuldade? Se ele for um bom intérprete e, como diz a Escritura, um homem espiritual[26], necessariamente ele apoiará todos os raciocínios que fiz sobre a natureza inteligível e sensível e até mesmo os desenvolverá melhor do que eu e fará melhor ressaltar dele a evidência.

E você sabe qual seria sua conclusão? É que todas as almas são de Deus. Isso não impede que se possa dizer, com toda justiça, aos pecadores e aos infiéis: *"Não sois de Deus!"*.

Nós mesmos, com a ajuda de Deus, poderíamos facilmente compreender que, uma coisa é viver, outra coisa é pecar.

Admito que, comparando com a vida do justo, a do pecador pode ser chamada de morte[27]. No entanto, também é bem verdade que uma pessoa pode ser, ao mesmo tempo, viva e pecadora. Como viva ela é de Deus e, como pecadora, ela não é de Deus. Estas duas coisas são perfeitamente distintas.

---

[25] 1 Coríntios 11: 12. *Omnia, autem, ex Deo*.

[26] Cf. 1 Coríntios 2: 14 e 15. *O homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, pois, para ele, são loucuras. Nem as pode compreender, por que é pelo Espírito que se devem ponderar. O homem espiritual, ao contrário, julga todas as coisas e não é julgado por ninguém*.

[27] Cf. 1 Timóteo 5: 6. *A que verdadeiramente é viúva e desamparada, põe a sua esperança em Deus e persevera noite e dia em orações e súplicas. Aquela, pelo contrário, que vive nos prazeres, embora viva, está morta*.

Quando então, queremos exaltar a onipotência do Deus criador, podemos dizer aos pecadores que eles são de Deus. Nós lhes dizemos isto na medida em que eles são seres animados, racionais e, sobretudo, na medida em que eles tem a vida. Todas estas qualidades são, evidentemente e por elas mesmas, dons do céu.

Quando, pelo contrário, nós nos dirigimos ao ímpios enquanto tais, é com toda verdade que lhes dizemos: *"Não sois de Deus!"*.

Nós dizemos isto àqueles que rejeitam a verdade, aos infiéis, aos impudicos, aos criminosos, enfim, aos pecadores. Não é verdade que todos estes crimes não possuem Deus como autor?

Por que então nos espantar que Jesus Cristo, ao se dirigir aos pecadores, na medida em que eles eram pecadores e não acreditavam, lhes tenha dito: *"Não sois de Deus!"*? E isto sem fazer nenhum atentado contra a veracidade destas outras palavras: *"Tudo, por outro lado, vem de Deus"*.

Não acreditar em Jesus Cristo, rejeitar sua vinda, não recebê-lo, se está aí o caráter de todas as almas que não são criadas por Deus, de sorte que se deve tomar literalmente estas palavras: *"Quem é de Deus ouve as palavras de Deus e se vós não as ouvis é por que não sois de Deus"*, como seria verdadeiro estas outras palavras de São João, no início memorável de seu Evangelho: *Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam*[28].

[28] João 1: 11.

Como eles eram seus, se eles não o receberam? Como dizer que eles não eram seus, por que eles não o receberam? Isto não é por que os pecadores, enquanto humanos, pertencem a Deus e, enquanto pecadores, ao demônio?

Tinha em vista sua própria natureza, aquele que disse: *os seus não o receberam*. Enquanto que Jesus Cristo só falava de sua má vontade, quando lhes disse: *"Não sois de Deus!"*

O Evangelista exaltou as obras de Deus e Jesus Cristo reprovou as pessoas pecadoras.

Capítulo 10

Talvez me perguntem: de onde vem o pecado? Ou, de uma maneira mais geral: de onde vem o mal?

Se o mal vem do ser humano, de onde vem o ser humano? Se ele vem do anjo, de onde vem o anjo? É de Deus, nos responderão e isto é verdade.

No entanto, isto não basta para impedir que os ignorantes e os de mentes francas acreditem que os males e os pecados estão ligados a Deus como que por um tipo de corrente.

É nesta questão que os maniqueístas se acreditam invencíveis, como se bastasse perguntar para saber?

Ora! Se fosse assim, ninguém no mundo seria mais sábio do que eu!

Mas, quantas vezes acontece, em um debate, que um debatedor, para representar o papel de um grande doutor, propõe uma grande questão, mas é mais ignorante do que aquele a quem ele propõe a questão!

É o que acontece com os maniqueístas. Para parecerem superiores à multidão, eles propõem questões cujas respostas eles ignoram, tanto quanto a multidão.

Mas, se naquela época eu tivesse agido com eles como faço agora, eu não teria tanto arrependimento e lhes teria argumentado, quando tivessem agido assim comigo, quando eu tivesse apresentado minhas razões: “Convenham comigo em algo que é muito simples. Se nada pode brilhar sem Deus, com muito mais razão ainda, nada pode viver sem Deus”.

Saiamos então dessas monstruosas opiniões que querem nos fazer acreditar que algumas almas desfrutam da vida sem tê-la obtido de Deus. Com a ajuda deste princípio, chegaremos a conhecer o que ignoram tanto quanto eu: a origem do mal.

De fato, pode o ser humano conhecer o soberano mal, se ele não conhece o soberano bem? Não conheceríamos as trevas, se vivêssemos sempre nas trevas. É o conhecimento da luz que nos faz conhecer seu contrário.

Ora, o soberano bem é aquilo a que nada pode ser superior. Deus é o bem e, como nada pode ser superior a Deus, segue-se, necessariamente, que Deus é o soberano bem.

Tenhamos então de Deus um verdadeiro conhecimento e logo teremos descoberto o que buscamos. E esse conhecimento de Deus vocês a consideram como algo de medíocre importância?

A recompensa que nos é prometida não é a vida eterna? E a vida eterna é outra coisa além do conhecimento de Deus?

Eis o que diz o Senhor: *A vida eterna consiste em que conheçam a ti, um só Deus verdadeiro e a Jesus Cristo que enviaste*[29].

Nossa alma é imortal por natureza e, no entanto, se ela rejeita o conhecimento de Deus, dizemos que ela está morta. Pelo contrário, se ela se volta para Deus, imediatamente ela merece a vida eterna, por que, como já disse, a vida eterna é o conhecimento de Deus.

Ora, ninguém pode se voltar para Deus sem renunciar a este mundo. Para mim, esta é uma tarefa árdua e muito difícil. Se para vocês ela é fácil, Deus é quem sabe.

Eu bem que gostaria de acreditar nisto, mas, o que me impede é o pensamento de que este mundo ao qual devemos renunciar é visível e a ele se aplicam estas palavras do Apóstolo: *Não miramos as coisas*

[29] João 17: 3.

que se veem, mas sim as que não se veem. Pois as coisas que se veem são temporais e as que não se veem são eternas[30].

No entanto, vocês dão mais importância à avaliação de seus olhos do que de seus intelectos, já que vocês afirmam que uma simples pluma que brilha só brilha por que é de Deus, enquanto que proclamam que nem toda alma viva recebeu a vida de Deus.

Quantas coisas assim eu poderia dizer! Quantas lembranças poderiam surgir em minha mente!

Eu poderia, ao recitar diante de Deus as preces mais fervorosas e piamente atento aos ensinamentos da Escritura, multiplicar depoimentos iguais a estes ou encontrar meios de me assegurar a vitória.

Capítulo 11

Sobretudo duas coisas que seduzem facilmente a inexperiência da juventude me jogaram nesse círculo complexo de erros.

Primeiramente foi a amizade, que, sob uma certa aparência de bondade, me enlaçou com suas tramas como faz uma corda ao redor do pescoço.

Em seguida foi a funesta vitória cujos louros eu colheria todas as vezes que discutisse com cristãos ignorantes, mas que, apesar de sua ignorância, defendiam sua fé com todos os esforços possíveis.

[30] 2 Coríntios 4: 18.

Esses sucessos, ao se multiplicarem, inflamaram meu ardor de rapaz e cada vez mais me precipitaram no abismo da iniquidade.

Esse estilo agressivo foi em mim fruto das lições de meus mestres e atribuo de bom grado somente a eles a glória de todos os recursos que retirei de minha mente ou de minhas leituras.

Desta maneira, seus discursos só faziam inflamar meu ardor belicoso e minhas vitórias multiplicavam sem parar meu afeto por meus mestres.

Assim, aceitei sempre como verdadeiro, sem sabê-lo, tudo o que eles me diziam. Não importava que suas palavras fossem o veneno mais violento; bastava-me desejar que elas fossem verdade, para aceitá-las como verdadeiras.

Assim, aconteceu que, apesar da lentidão inicial, eu me fiz por muito tempo o discípulo de pessoas que consideram uma palha brilhante muito superior a uma alma viva.

Capítulo 12

Digamos a verdade: era-me impossível, naquela época, discernir as coisas sensíveis das coisas inteligíveis; as coisas carnais das coisa espirituais. Uma operação dessas estava inteiramente fora do alcance de minha idade, de minha instrução, de meus costumes e, sobretudo, eu não estava disposto a isso sob nenhum mérito.

Esse discernimento, de fato, é a fonte de uma alegria abundante e de uma grande satisfação. É então verdade que eu não poderia fazer a distinção que a própria natureza, sob a guarda soberana das leis de Deus, gravou no cérebro de todas as pessoas?

Eu imagino pessoas quaisquer, contanto que não sejam atingidas pela loucura e, como tais, estejam separadas da sociedade humana. Por mais superficiais que sejam, por mais ignorantes e também lentas de espírito que se possa imaginar, eu quero saber delas se uma pessoa, cuja mão foi agarrada durante o sono para escrever coisas criminosas, é culpada de pecado.

Como duvidar de que todas me responderiam negativamente e manifestariam bem energicamente que esta questão é uma ofensa, pelo seu absurdo?

Eu pediria desculpas e faria de tudo para merecer de sua parte um perdão generoso e completo.

Vou supor então que a pessoa que mencionei não estava dormindo, que ela sabia mesmo o que sua mão escrevia, mas que todos os seus outros membros estavam tão presos que a pessoa mais vigorosa seria obrigada a suportar essa coerção.

Essa pessoa que sabia o que fazia, mas que se opunha a isso com todas as suas forças, ela era culpada de pecado?

Novamente, espantadas com uma questão assim, todas as pessoas responderiam também negativamente e sem a menor hesitação.

Por que então, por que ninguém pode ser condenado por uma coisa que fez sem saber ou que não podia fazer de outra maneira?

Continuarei insistindo e, para encontrar mais facilmente a solução que procuro, eu pressiono a natureza humana em seus últimos redutos e me pergunto se essa pessoa que dormia, sabendo antecipadamente o uso que seria feito de sua mão, tivesse se embriagado de propósito, para tornar seu sono mais profundo e enganar sob juramento, esse sono seria uma prova de sua inocência?

Todos me responderiam que essa pessoa é culpada.

Se uma outra pessoa se tivesse feito amarrar voluntariamente, para encontrar uma justificativa na impossibilidade de resistir; essas amarras bastariam para isentá-la do pecado? Ela estava amarrada e não podia resistir, da mesma forma que a outra que dormia não podia saber o que fazia.

Unanimemente me responderiam que, sem nenhuma dúvida, ambas devem ser condenadas como culpadas.

De tudo isso eu concluiria infalivelmente que só há pecado na vontade[31] e nisto eu poderia me apoiar na própria justiça que pune aqueles que, tendo tido a vontade de pecar, não puderam realizar suas culposas intenções.

[31] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. XV, seção 2.

Capítulo 13

Se me ouvissem fazer estas suposições, poderiam me acusar de tratar de coisas obscuras e ocultas, que se prestam muito facilmente para a suspeita de fraude ou de ostentação, em razão mesma do pequeno número de pessoas que podem compreendê-las?

Pois bem! Façamos pouco a pouca a distinção entre as coisas inteligíveis e as coias sensíveis e que não me acusem de mentira ou de orgulho, como se eu pretendesse sobrecarregar, com a sutileza de minhas discussões, as almas simples e ignorantes.

Permitem-me saber que eu vejo? Permitem-me saber que eu quero viver?

Se o gênero humano vê, nestas duas proposições, simples dados do bom senso, eu concluo que temos o conhecimento, a nossa vontade e a vida. E nessa ciência, não temos que temer que alguém possa nos convencer de uma mentira, como, por exemplo, fazer alguém acreditar falsamente que não vive ou que não quer nada?

Não temo também enunciar premissas duvidosas ou obscuras. Seria mais fácil me acusarem de trazer mais clareza ao debate.

Mas, vejamos aonde ele vai nos conduzir.

Capítulo 14

É então, somente pela vontade que se peca. Ora, nossa vontade nos é perfeitamente conhecida, pois, como eu saberia que eu quero, se eu não soubesse o que é a vontade.

Eis como ela é definida: a vontade é um impulso da alma que, sem ser coagida por nada, nos leva a conservar ou a adquirir alguma coisa.

Por que então eu não poderia adotar esta definição? É muito difícil ver que o que é forçado é contrário à vontade?

Não dizemos que o que está à esquerda é o contrário do que está à direita, mas em um sentido diferente de quando dizemos que o negro é o contrário do branco?

De fato, uma coisa não pode ser ao mesmo tempo negra e branca, enquanto que, quando uma pessoa está no meio de duas outras, com relação a uma ela está à esquerda e à direita em relação à outra. É sempre a única e mesma pessoa e, com relação a uma única pessoa, ela não pode estar ao mesmo tempo à direita e à esquerda.

Da mesma forma, uma alma pode, ao mesmo tempo, querer e não querer, mas, com relação a uma única e mesma coisa, ela não pode, ao mesmo tempo, querer e não querer.

Peça a alguém que faça uma coisa que ele não quer fazer e ele lhe dirá que não quer fazê-la. Pergunte-lhe se ele quer não fazê-la e ele lhe responderá que quer.

Então, fazer uma coisa sem querer ou apesar de não querer é querer não fazê-la. Estes dois impulsos contrários estão ao mesmo tempo em uma única e mesma alma, mas em relações diferentes.

Mas, por que esta observação? É por que se, novamente perguntarmos à pessoa por que ela faz essa coisa apesar de não querer, ela nos dirá que é coagida a isto.

De fato, quem age apesar de não querer, age sob uma coação e, quem age sob a influência da coação, age apesar de não querer.

Resta demonstrar que aquele que quer está, em sua vontade, sempre livre da coação, mesmo quando se diga coagido.

Assim, toda pessoa que age por que quer, não está coagida e, quem não está coagido, age ou não age, mas sempre voluntariamente.

Estas são ideias sobre as quais, sem nenhum absurdo possível, podemos questionar todas as pessoas, desde a criança até o idoso, desde o escolar até o doutor. A própria natureza proclama esta verdade.

Por que então, ao definir a vontade, eu não mencionei a ausência de qualquer coação, cuja necessidade eu hoje reconheço por experiência? E se estas noções são a simples expressão da própria natureza, que absurdo pode restar ainda nesta questão?

A menos talvez que alguém ignore que quando queremos, nós queremos alguma coisa e que nossa alma se volta para esse objeto

para possuí-lo ou não possuí-lo, para querer conservá-lo, se já o possui ou para obtê-lo, se ainda não o possui.

Portanto, no momento em que se quer, se quer necessariamente adquirir ou não perder.

Quando eu reflito que estas noções são mais claras do que a luz, que elas não são minhas, mas estão gravadas no intelecto do gênero humano inteiro, por causa da liberalidade da própria verdade, eu me pergunto por que eu não poderia dizer então: a vontade é um impulso da alma que, sem nenhuma coação, nos leva para alguma coisa, para não perdê-la ou para adquiri-la.

Capítulo 15

Mas, alguém poderá dizer: em que tudo isso nos ajuda a combater os maniqueístas?

Espere que definamos primeiro o pecado, que procede necessariamente da vontade, como nos atesta a própria lei divina gravada na natureza humana.

Eu digo então que o pecado é, propriamente falando, a vontade de conservar ou obter o que a justiça nos proíbe e que somos livres para nos abster. De fato, se não houvesse liberdade não haveria vontade.

Esta definição de pecado, eu admito, é mais grosseira do que escrupulosa.

Eu preciso então consultar tantos livros obscuros para aprender que ninguém pode ser condenado ao desprezo ou ao suplício por querer o que a justiça não lhe proíbe ou para não fazer o que não lhe é permitido?

Não é isto o que os pastores cantam nas montanhas, os poetas nos teatros, os ignorantes em seus ambientes, os sábios nas bibliotecas, os mestres nas escolas, os bispos nos templos e o gênero humano na superfície do mundo inteiro?

Se ninguém é digno de desprezo e nem de condenação por não fazer o que a justiça lhe proíbe ou o que não pode fazer, enquanto que todo pecado é, propriamente, digno de desprezo e de condenação, pode haver dúvida ainda de que se tenha pecado quando se quer o que é injusto e quando se é livre para não querer?

Eis por que eu posso agora e sempre poderei dar esta definição de pecado, ao mesmo tempo verdadeira e fácil de compreender: o pecado é a vontade de reter ou adquirir o que a justiça proíbe, quando se é livre para se abster.

Capítulo 16

Agora, vejamos as vantagens que obtivemos. Elas são tão numerosas que não podemos desejar mais, visto como elas decidem toda a questão.

Consulte, no fundo de nossa consciência, as leis divinas gravadas em nossa natureza, em nossa alma mesmo, onde as encontramos em toda sua realidade e certeza e você reconhecerá o quanto são verdadeiras estas duas definições: a da vontade e a do pecado.

Esta verdade, uma vez reconhecida, lhe coloca em mão argumentos tão curtos quanto insuperáveis, que desmontam infalivelmente todo o sistema herético dos maniqueístas.

Vejamos, de fato. Eles dividem as almas em duas classes. Uma boa e criada assim por Deus, toda espiritual e tirada do nada. Eles a veem mesmo como uma parte da substância divina emanada do próprio Deus. A outra é essencialmente má, não pertence a Deus e não se aproxima dele de nenhuma maneira. Desta forma, como Deus é o soberano bem, essas almas são, por isso mesmo, o soberano mal.

Estas duas classes de almas, outrora perfeitamente separadas, estão hoje misturadas.

Eu jamais ouvi falar desse tipo de mistura e não conheço sua causa. No entanto, já posso perguntar se essas almas más, antes de sua mistura com as boas, desfrutavam de alguma vontade. Se elas não desfrutavam dela, elas eram sem pecado e inocentes. Então, como elas podiam ser más?[32]

---

[32] *Questionam-me: por que então você fala de pecado nas crianças, já que só reconhece o pecado na vontade? Eu respondo: as crianças são culpadas não por causa da vontade, mas por causa de sua origem. Toda pessoa viva neste mundo tem sua origem onde, se não é de Adão? Adão, certamente possuía vontade e, quando pecou com sua vontade, introduziu o pecado neste mundo. Revisões*. Cap. XV, seção 5.

Vão dizer que elas não tinham vontade tanto quanto o fogo, mas que eram más por que lhes bastava tocarem o bem para manchá-lo e corrompê-lo? Mas então, não é um crime atribuir à natureza do mal um poder tal, que ele pode transformar uma parte de Deus e tornar corruptível o próprio soberano bem?

Vão dizer que elas tinham vontade? Então havia nelas o impulso que, sem coação nenhuma, leva a não perder um objeto ou a adquiri-lo. Esse objeto, por sua vez, era um bem verdadeiro ou, pelo menos, era considerado assim, pois só um bem pode excitar a cobiça.

Mas, antes da mistura mencionada por eles, podia haver, no soberano mal, algum bem? Como então esse soberano mal podia ter o conhecimento ou somente o pensamento do bem? Ou essas almas, cheias de horror pelo que havia nelas, aspiravam ao bem verdadeiro que lhes era estranho? Mas, uma vontade que aspira ao bem supremo e verdadeiro é, seguramente, digna dos mais altos elogios. E é no soberano mal que se verifica um impulso tão louvável da alma?

Vão dizer que sua cobiça não tinha outro objetivo que não fosse arruinar? Mas, primeiramente, isto é um círculo vicioso, pois, aquele que quer arruinar se propõe, evidentemente, para seu próprio bem, privar alguém deste ou daquele bem.

Essas almas tinham então a ciência ou, pelo menos, a ideia do bem. Ciência ou ideia que são incompatíveis com o soberano mal.

Depois, esse bem que elas observavam exteriormente e que desejavam arruinar, como elas podiam conhecê-lo? Se elas o conheciam, o que você pode ver de mais belo em uma alma do que esse conhecimento? O objetivo constante de todos os esforços empregados pelos bons não é conhecer o bem supremo e verdadeiro?

O que é agora o privilégio de apenas alguns espíritos bons e justos, vocês transformam em prerrogativa do próprio mal, fora de toda ajuda da graça?

Além disso, se essas almas governavam os corpos e viam com os olhos dos corpos, quais línguas, quais peitos, quais gênios poderiam bastar para louvar tais olhos, aos quais mal se ousaria comparar o próprio intelecto dos justos?

Que bens encontramos no soberano mal! Se é um mal ver Deus, Deus não é mais o bem. Mas, Deus é um bem. Portanto, é um bem ver Deus e eu não sei que bem pode ser comparado a este.

Se então, o que se vê é bom, como pode ser então que a própria possibilidade de vê-lo seja um mal?

Admita então que o poder que ele deu a esses olhos e a esses intelectos de contemplarem a substância divina é um bem que ultrapassa todo louvor e toda admiração. E, se esse poder não é um poder criado, mas um poder essencial e eterno, encontre-me um bem que seja preferível a esse mal.

Capítulo 17

Por fim, para saber justamente o que devemos pensar de todas essas brilhantes qualidades que eles atribuem às almas, perguntarei se dentre essas almas há somente aquelas que Deus deve reprovar eternamente.

Se ele não deve reprovar nenhuma, os méritos não são nada, não há mais Providência e o mundo só é governado pelo acaso e não pela razão. Ou melhor, ele não é governado por nada, pois uma administração confiada ao acaso é uma administração que não existe. Uma consequência dessas revolta até mesmo aqueles que romperam qualquer laço religioso.

Concluamos então que algumas almas serão condenadas ou que o pecado não existe. Se o pecado não existe, o próprio mal não é possível. Toda heresia que é reduzida a esta negação recebeu o golpe fatal, do qual não se levantará jamais.

É preciso então que os maniqueístas convenham comigo que algumas almas cairão infalivelmente sob o golpe do julgamento e da condenação.

Mas, se essas almas são boas, qual é então sua justiça? Se elas são más, é por natureza ou é pelo efeito de sua vontade? Por natureza, nenhuma alma pode ser má[33].

---

[33] *Se me perguntam como concilio estas palavras com as do Apóstolo: "Éramos, por natureza, filhos da ira como os outros" (eramus natura filii iræ, sicut et ceteri), eu respondo que, ao me servir da palavra*

É por que então? É em virtude das definições que demos há pouco, sobre a vontade e o pecado.

Dizer que as almas são más e que elas não pecam seria a mais flagrante loucura. Dizer que elas pecam sem nenhuma vontade de sua parte é um absurdo maior ainda. Por fim, considerar alguém como culpado de pecado por que não fez o que não pôde fazer é o cúmulo da iniquidade e do delírio.

Se então, em tudo o que elas realizam, essas almas obedecem à sua natureza e não à sua vontade, ou seja, se elas não são livres para agir ou não agir, não podemos considerá-las como culpadas.

Todos admitem, no entanto, que só há justiça em condenar as almas más, enquanto que uma condenação lançada contra aqueles que não pecaram seria da mais gritante injustiça.

Isto não é o mesmo que dizer que só são más aquelas que pecam, enquanto que as outras só são boas por que não pecam?

É então um erro muito grosseiro afirmar, como os maniqueístas, que há uma classe de almas que são más por natureza.

Capítulo 18

Examinemos agora a classe de almas que eles dizem que são boas por natureza e que são da própria substância de Deus.

---

natureza, eu quis usá-la em sua acepção própria, ou seja, a natureza na qual fomos criados e que é sem defeito. *Revisões*. Cap. 15, seção 6.

Sei que é bom que cada um conheça o nível no qual está colocado e seu próprio mérito. Mas, quando se sente vítima de mudanças tão frequentes, não é um orgulho sacrílego se acreditar da própria substância do bem supremo, que uma reta razão nos mostra essencialmente imutável?

Ficou claramente provado que não é um pecado para as almas não ser o que elas não podem ser. Segue-se daí que as almas más não podem pecar e, assim, elas não podem não ser o que elas são. Desta maneira, só pode haver possibilidade de pecar para as almas que, não apenas são boas por natureza, mas que também são da própria natureza de Deus.

Invoquemos agora a autoridade da revelação cristã. Os maniqueístas jamais negaram que um cristão que se volta sinceramente para Deus pode obter o perdão de seus pecados. Eles disseram muitos erros contra as santas Escrituras, mas eles sempre se recusaram seguir, nesse tema, outro célebre impostor.

Ora, a quem os pecados são perdoados? É às almas más? Mas então elas podem se tornar boas e possuir o reino de Deus com Jesus Cristo.

Não, eles dizem, não pode ser às almas más. Então é às almas que eles dizem ser da própria substância de Deus. Essas almas podem então pecar. Ainda mais, que só elas têm o triste poder de pecar.

Eu não tenho que me preocupar aqui em saber se só elas podem pecar; basta-me saber que elas pecam.

É a mistura com o mal que as faz ter necessidade de pecar? Mas, se a coação é tal que elas não podem resistir, está claro que elas não pecam. Se, podendo resistir, elas consentem por vontade própria, por que então nos obrigar a descobrir tão grandes bens no soberano mal e o próprio mal do pecado no soberano bem?

Mas, talvez o mal não se encontre onde eles suspeitam e o soberano bem onde supõe sua culposa superstição.

Capítulo 19

Após ter assinalado o culposo delírio que exclusivamente pôde inventar o sistema das duas espécies de almas diferentes, eu devo pelo menos compreender o que no fundo de tudo isso pode haver para ser aprendido e retido?

Essa classificação significa somente que, no momento de decidir, o consentimento se volta uma hora para o mal e outra hora para o bem? Mas, não é mais simples então ver nisso a unidade da alma, que, armada com sua vontade livre, pode se voltar para um lado ou para outro e rever, da mesma mesma, sua primeira resolução?

Eu mesmo verifico isto em mim, mas conservo perfeitamente a percepção de minha personalidade única, quando considero duas opiniões e escolho uma ou outra. Frequentemente acontece de uma

me agradar e a outra me convir; então, hesito. Isto não me espanta, pois somos feitos de uma maneira tal, que o prazer pode nos atrair para a carne e a honra para o espírito.

Seria este fenômeno que me levaria a admitir a existência das duas almas? Mas é bem mais simples e mais racional admitir, no que é o bem, duas categorias, em que ambas se conciliam perfeitamente com a ideia de um Deus criador, sendo um bem superior e um bem inferior, ou melhor, um bem exterior e um bem interior, que afetam diversamente uma única e mesma alma.

Estas duas categorias são apenas a distinção entre as coisas sensíveis e as coisas inteligíveis, que já mencionei e que chamamos, em termos mais simples, de coisas carnais e coisas espirituais.

Mesmo que nosso pão verdadeiro seja espiritual, nos é difícil nos abstermos das coisas carnais, pois é próprio, em nossa condição atual, comer o pão no meio de lágrimas e trabalho.

Foi, de fato, ao preço do mais cruel suplício que pudemos, com o pecado, trocar nossa imortalidade pela morte.

É isto o que nos explica por que nossos esforços para o bem são logo e vivamente combatidos pelos assaltos habituais da carne e do pecado. Daí vem, para nós, a dificuldade que encontramos no bem e sobre a qual a tolice de alguns autores quer se apoiar para afirmar que, dentre as almas, há uma espécie delas que não tem Deus como seu criador.

Capítulo 20

Esses autores concordam de bom grado que somos atraídos para o mal por outra espécie de almas, mas eles não chegam a afirmar que estas são más por natureza e que as outras sejam o soberano bem.

Estas últimas, desejando o que não lhes é permitido, ou seja, o que é pecado, de boas que eram, se tornam más. No entanto, elas podem voltar a ser boas, mas, enquanto permanecem no pecado, elas exercem sobre as outras um tipo de persuasão oculta que as atrai para elas.

Essas almas tentadoras que falamos, sem serem absolutamente más por elas mesmas, estão, no entanto, em um nível bem inferior, o que lhes permite realizar sem pecar as obras que lhes são próprias.

Quanto às almas superiores, às quais a justiça moderadora de todas as coisas confiou uma ação muito superior, se elas querem seguir e imitar as almas inferiores, ao pecar, elas se tornam más, não por que elas imitam as almas más, mas por que elas as imitam quando deveriam não imitá-las.

Estas, de fato, permanecem na esfera que lhes é própria; aquelas querem sair da sua. As primeiras permanecem então no nível em que foram colocadas, mas as outras tendem a descer.

Vejam as pessoas que perseguem animais selvagens. A corrida do cavalo é admirável, mas, se um ser humano, ao imitar sua corrida,

quiser correr sobre seus pés e mãos, não será julgado digno de comer palha?

Temos então, regra geral, o direito de desaprovar a imitação mesmo quando admiramos o modelo. Nós condenamos o imitador não por que ele produziu uma cópia, mas por que ele quis fazer isso.

Em um cavalo, nós admiramos sua corrida, mas, da mesma forma como admiramos a superioridade do ser humano sobre o cavalo, assim também nos indignamos ao vê-lo se degradar.

Tomemos um exemplo entre os próprios seres humanos. Um arauto cumpre perfeitamente sua missão. Se um senador desempenhasse este papel, ele o desempenharia muito melhor, mas não seria considerado um insensato?

Tomemos um exemplo entre os astros. Nós admiramos a clareza da lua, seu curso e suas transformações, mas se o sol quisesse imitá-la, supondo que ele seja dotado de vontade, uma determinação assim não desagradaria soberanamente e com razão?

Pois bem! Estes exemplos ilustram perfeitamente meu pensamento. Supondo __ o que é incerto __ que haja almas dedicadas, não por causa do pecado, mas por sua natureza, a funções totalmente corpóreas e que, apesar de sua inferioridade, desfrutam conosco de uma semelhança interior, não poderíamos considerá-las como más somente pelo fato de que nós, ao imitá-las e ao amar as coisas corpóreas, nos tornamos maus.

Se pecamos ao amar as coisas corpóreas, é por que isto nos foi interditado e por que naturalmente temos o poder de amar as coisas espirituais. É ficando assim na esfera que nos é própria, que encontramos a soberana perfeição e a soberana felicidade.

Capítulo 21

Sem dúvida que a hesitação própria de nossa mente nos leva, uma hora para o pecado e outra hora para o bem. Mas, como este fenômeno nos forçaria a concluir pela existência de duas espécies de almas; uma criada por Deus e outra estranha à sua ação criadora?

Não temos sob nossos olhos um grande número de causas que nos explicam perfeitamente essas vicissitudes do pensamento?

Todo ser humano que seja um sério observador compreende que esse erro não passa de uma rede de obscuridades na qual as mentes fracas procuram em vão um raio de luz.

Vamos nos ater principalmente sobre o que foi dito sobre a vontade e o pecado. Estas são noções que a soberana justiça não deixa nenhuma pessoa de bom senso ignorar. E, na suposição de que elas venham a se apagar, sobre qual princípio repousaria o ensinamento da virtude? Que meio haveria para se sair da morte dos vícios?

Pelo contrário, se essas noções brilham com toda sua claridade e sua evidência, imediatamente a heresia maniqueísta se convencerá da falsidade e do erro.

Capítulo 22

O que eu vou dizer sobre a penitência nos fornecerá a mesma conclusão.

De fato, toda pessoa sábia concorda sobre a utilidade de se fazer penitência por causa do pecado. Os próprios maniqueístas vão além e a estabelecem como um preceito.

Para que serviria então, reunir sobre este tema os numerosos testemunhos que as Escrituras nos oferecem em cada uma de suas páginas? Este é o grito da natureza. O próprio insensato nem sempre perdeu o conhecimento de uma verdade que, se não estiver profundamente gravada em nossa alma, pode nos arrastar a uma perda certa.

Podemos encontrar pessoas que digam que são sem pecado, mas, dizer que, após ter pecado, não se é obrigado a fazer penitência, nem mesmo um bárbaro chegaria a fazê-lo.

Sendo assim, eu pergunto a qual das duas espécies de almas a penitência é possível. É certo, primeiramente, que ela não é possível àquela que não pode fazer o mal e nem àquela que não pode fazer o bem. Por consequência e para utilizar suas próprias expressões, eu digo que se uma alma das trevas faz penitência por seu pecado, ela prova, por este fato, que ela não é da substância do soberano mal. Se ela é uma alma de luz, eu concluo disto que ela não é da substância do soberano bem.

De fato, aquele que experimenta a vontade sincera de se arrepender afirma, por este fato, que ele fez o mal e podia fazer o bem. Como não poderia haver em mim nenhum mal se eu agi mal e como minha penitência pode ser legítima, se eu não fiz nenhum mal?

Tomemos em seguida o oposto. Como não haveria em mim nenhum bem, se eu experimento um bom desejo? Ou, como eu posso me arrepender, se sou incapaz de uma vontade boa?

É este o dilema que eles não podem elucidar. Ou eles negam a utilidade da penitência e, com isso, renunciam a toda ideia cristã e também ao bom senso, ou então que eles não digam mais que as almas se dividem em duas classes; uma essencialmente boa e a outra essencialmente má.

Mas, renunciar a esta classificação é renunciar ao próprio maniqueísmo, pois esta heresia repousa acima de tudo sobre esta dupla, ou melhor, sobre esta perniciosa distinção entre as almas.

Capítulo 23

Basta-me então saber que é preciso fazer penitência para estar convencido de que os maniqueístas estão no erro.

Se então eu me dirigisse a um de meus amigos que até agora acreditasse poder permanecer seu discípulo, o interpelasse em nome da amizade e lhe perguntasse: “Você acha útil fazer penitência quan-

do se pecou?”; ele me juraria sem hesitação de que está convencido dessa utilidade.

E, se com este único princípio, eu te provo a falsidade da heresia maniqueísta, o que você pediria mais? Que ele me responda o que ainda poderia desejar sobre este ponto.

Está bem até aqui. Mas, se eu me coloco em condições de mostrar as consequências lógicas que decorrem necessariamente deste princípio, ele logo negará a utilidade da penitência, apesar dos protestos unânimes dos doutos e ignorantes. E, enquanto debatemos, ele responderá a cada parte da questão com este princípio que lhe é tão caro: há duas almas em nós.

Ó cruel hábito do pecado! Ó terrível castigo pelo pecado! Vocês me afastaram então da consideração de verdades tão evidentes e eu não senti seus golpes mortais. Mesmo agora, meus amigos não sentem as feridas provocadas por vocês e sou eu que gemo e sofro cruelmente pelos golpes que vocês desferem neles.

Capítulo 24

Rogo a vocês, meus caros amigos, que reflitam profundamente sobre isto. Eu conheço a correção de seus intelectos.

Se vocês concordam que cada pessoa é dotada de inteligência e razão, saibam que as consequências deste princípio são infinitamente

mais certeiras do que o que nos ensinavam, ou melhor, nos faziam acreditar, na seita maniqueísta.

Deus infinitamente grande, onipotente, bondade infinita, verdade suprema e imutável, Trindade Una, que a Igreja católica proclama e adora prostrada aos seus pés, eu lhe suplico __ eu que experimentei os efeitos de sua misericórdia infinita __ não permita que pessoas com as quais fui, deste a infância, estreitamente unido, permaneçam separadas de mim e do culto que presto ao senhor[34].

O que, sobretudo, se esperava de mim, com relação às Escrituras católicas atacadas pelos maniqueístas, seria a busca de sua justificação. Isto eu não deixaria de fazer, se minha causa fosse tão boa quanto eu asseguro que é.

Talvez ficassem satisfeitos se eu pelo menos provasse que as Escrituras podem ser justificadas. Com a ajuda de Deus farei isto em outros volumes. Neste momento eu creio ter atingido uma extensão suficiente.

[34] Cf. *Revisões*, cap. XV, 8.

Créditos

De duabus animarum

© 392 Aurelius Augustinus Hipponensis

© 2018 Teodoro Editor : Niterói – Rio de Janeiro – Brasil.

Tradução do latim de M. l'abbé BURLERAUX, in *Œuvres complètes de Saint Augustin.* Bar-Le-Duc: Poujoulat et Raulx, 1869.

Tradução para o português de Souza Campos, E. L. de

Cotejado com *Las dos almas*, tradução de Pío de Luis (OSA)

e

Le due anime

Conteúdo

As duas almas 2
Introdução 2
1 2
2 3
3 5
4 6
5 7
6 8
7 9
8 11
Capítulo 01 12
Capítulo 02 14
Capítulo 03 16
Capítulo 04 18
Capítulo 05 19
Capítulo 06 21
Capítulo 07 24
Capítulo 08 26
Capítulo 09 27
Capítulo 10 31
Capítulo 11 34
Capítulo 12 35
Capítulo 13 38
Capítulo 14 39
Capítulo 15 41
Capítulo 16 42
Capítulo 17 46
Capítulo 18 47
Capítulo 19 49
Capítulo 20 51
Capítulo 21 53
Capítulo 22 54
Capítulo 23 55

Capítulo 24 _____ 56
Créditos_____ 58
Conteúdo_____ 59